

O CORTIÇO COMO PERSONAGEM: ABORDAGEM SEMIÓTICA NA QUADRINIZAÇÃO DA OBRA *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Camila Ferreira da Silva¹

Kathya Fecher Dias²

Mayara da Silva da Costa³

Karina Fonsaca⁴

RESUMO

O propósito deste trabalho é realizar uma análise semiótica das personagens principais e periféricas/secundárias da obra naturalista *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, em relação à obra original e a recente quadrinização da mesma realizada por Ivan Jaf e Rodrigo Rosa, já que, atualmente, houve a expansão deste tipo de adaptação no mercado. As histórias em quadrinhos foram consideradas, por muito tempo, um tipo de entretenimento inferior se comparado aos demais existentes, principalmente pelo fato de terem sido inicialmente desenvolvidas como um empreendimento puramente comercial, o qual buscava atingir o maior número de leitores possíveis, ao visar um público jovem ou com pouca instrução. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, cuja base denomina-se qualitativa. A conclusão que se alcançou neste trabalho é que, na quadrinização da obra de Aluísio Azevedo, as personagens principais e periféricas/secundárias são representadas de modo a ressaltar as características ficcionais mais marcantes atribuídas a elas por Aluísio Azevedo, já que, dado o formato característico das Histórias em Quadrinhos, torna-se necessário sintetizar a narrativa original, delimitando ao máximo, na representação gráfica, aquilo que demarca imagética e linguisticamente as personagens, suas falas e suas ações no enredo.

Palavras-chave: *O cortiço*. Semiótica. História em Quadrinhos.

¹ Aluna do 7º período do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: camila_ferreira_silva@hotmail.com

² Aluna do 7º período do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: kathyafecher@gmail.com

³ Aluna do 7º período do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: mayaracosta27@hotmail.com

⁴ Orientadora da pesquisa. Doutora em Literatura e Cultura, com ênfase em Literaturas Clássicas e em tradução. Professora Assistente da FAE Centro Universitário. *E-mail*: karina.fonsaca@fae.edu

INTRODUÇÃO

Analisaremos, por meio de uma abordagem semiótica, as características das personagens principais (João Romão, Bertoleza, Miranda, Rita Baiana, Pombinha) e secundárias/periféricas associadas a esses mencionados (Dona Estela, Jerônimo, Firmo, Leoni), que são representados graficamente na quadrinização d'*O cortiço*, de Aluísio Azevedo, de modo que com base nessas personagens, serão comparados e analisados os elementos semióticos específicos da adaptação para as histórias em quadrinhos ou, como desde já escolhemos denominar, para a quadrinização da narrativa clássica selecionada. Procuraremos delimitar como a categoria de personagem é representada imageticamente na quadrinização e como essa se constrói enquanto recurso fundamental para a leitura semiótica do enredo, aproximando-se ou afastando-se da criação ficcional original de Aluísio Azevedo.

A fim de atingirmos tal intuito, realizaremos um levantamento bibliográfico cuja base denomina-se qualitativa e, que de acordo com Gil (2002, p.29), tem como princípio uma pesquisa que visa, principalmente, os materiais impressos (e.g. livros, revistas, jornais), mas que atualmente, por conta da grande difusão de outros formatos de informação, abrangem outros tipos de fontes de informação (e.g. CDs, materiais disponibilizados via *internet*).

Com o desenvolvimento dos estudos sobre a cultura e comunicação (VERGUEIRO, 2008, p. 17), as HQs foram ganhando cada vez mais espaços na cultura popular, e conseqüentemente no ambiente escolar; dentre estes estigmas destaca-se o de que muitos intelectuais acreditavam que os quadrinhos eram prejudiciais ao rendimento dos alunos, pois, além do “embotamento do raciocínio lógico, a dificuldade para apreensão de ideias abstratas e o mergulho em um ambiente imaginativo prejudicial ao relacionamento social e afetivo de seus leitores” (VERGUEIRO, 2008, p. 17), e portanto, com a progressão das pesquisas e estudos acerca dos quadrinhos, esse e outros estigmas foram derrubados.

Assim sendo, a adaptação é um processo complexo de ser realizado, podendo ser comparada com uma tradução, no entanto ela pode ser caracterizada, segundo Linda Hutcheon (2006, p. 8-16), como: “*An acknowledged transposition of a recognizable other work or works. A creative and an interpretive act of appropriation/salvaging. An extended intertextual engagement with the adapted work*”⁵. Além do mais, a adaptação

⁵ “Uma transposição fiel de uma obra ou obras. Um ato criativo e interpretativo de apropriação/preservação. Um envolvimento intertextual estendido com a obra adaptada” (HUTCHEON. 2006, p. 8-16) (*Tradução nossa*).

de um livro clássico é, essencialmente, a recriação da obra original por meio de algum gênero (midiático, literário, entre outros) escolhido. Tal processo exige leituras e releituras da obra original que será adaptada, além de pesquisas aprofundadas da obra e do contexto.

Para Ivan Jaf (2009, p. 77), um outro ponto importante a respeito do trabalho de adaptação de um clássico para o gênero das HQs é o fato de que o roteirista deve escolher qual aspecto da narrativa original ele dará maior ênfase, de modo que o ilustrador possa escolher o melhor estilo de desenho para valorizar o aspecto escolhido. No caso da quadrinização d'*O cortiço*, o aspecto que Jaf (Ibid.) escolheu para ser valorizado foi o do humor, de modo que a fim de ressaltar tal aspecto Rodrigo Rosa optou por adotar um traço caricato para a ilustração.

O objetivo geral foi comparar o romance em prosa *O cortiço*, de Aluísio Azevedo (1890), com a sua adaptação para histórias em quadrinhos, sob a perspectiva semiótica, já como objetivos específicos foram delimitados: investigar a relação semiótica entre texto e imagem na quadrinização da narrativa de Aluísio Azevedo; comparar a adaptação, a representação e a reconstrução da categoria de personagem, tomando como texto-base o romance *O cortiço* em suas duas apresentações: a puramente textual – elemento fundamentado na escrita em prosa, e a imagética – do ponto de vista da quadrinização e seus elementos semióticos; e, delimitar as características narrativas próprias da quadrinização, descrevendo recursos estéticos de supressão ou de recriação do enredo original do romance, a partir da seleção de um grupo de personagens, a exemplo de falas e de balões, dos limites dos quadros dos desenhos, da apresentação dos estilos de traçados para a figuração das personagens, da escolha de planos, de cores e de ângulos para a visualização das cenas, seus espaços, entre outros, que influenciem direta ou indiretamente nas ações das personagens do enredo.

1 ABORDAGEM SEMIÓTICA NA QUADRINIZAÇÃO D'O CORTIÇO

Neste capítulo, inicialmente serão abordadas a definição e a conceituação de semiótica do texto e as particularidades da sintaxe da narrativa a serem utilizadas para a análise semiótica das personagens no capítulo terceiro. E seguida, será apresentada a classificação das histórias em quadrinhos (HQs), de modo apresentar, descrever e delimitar os elementos que caracterizam essa arte sequencial gráfica, bem como as características da linguagem textual e imagética adotadas nas HQs que são relevantes para o entendimento complexo da narrativa.

1.1 CONCEPÇÃO SEMIÓTICA DO TEXTO

Lúcia Santaella (2012, p. 14) ressalta que enquanto indivíduos sociais nossa comunicação ocorre por meio de uma “rede intrincada e plural de linguagem” (Ibid.), logo, neste tipo de comunicação utilizamos os elementos não-verbais e verbais, de modo que nossa linguagem não-verbal pode ocorrer por meio:

[...] da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... [...] nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar (SANTAELLA, 2012, p. 14).

Já a linguagem verbal é compreendida por meio da: “linguagem verbal escrita [...] de codificação escrita, diferentes da linguagem alfabeticamente articulada, tais com hieróglifos, pictogramas, ideogramas” (SANTAELLA, 2012, p. 15-16). Portanto, a linguagem verbal corresponde às palavras graficamente escritas em um sistema alfabético próprio de cada idioma, enquanto que a linguagem não-verbal compreenderia todos os demais meios de comunicação que não utilizam o sistema alfabético no momento de construir sua representação visual, mas que mesmo assim ainda comunicam uma ideia, logo, uma imagem também pode ser tida como um texto.

Porém, a semiótica não se restringe apenas ao estudo dos signos e das textos verbais e não-verbais de maneira isolada. De acordo com Diana Luz Pessoa de Barros (2005, p. 11), a semiótica também está inserida no campo das teorias que se (pre) ocupam com texto e seus constituintes estruturantes. Isto posto, lembremos que não existe apenas uma única vertente da Semiótica, de modo que, dentre elas, destacam-se a de Charles Peirce, a da Escola de Tartu e a de Greimas. Seleccionamos para nossa pesquisa, a semiótica do texto apresentada por Barros, em *Teoria semiótica do texto* (2005), tem como base a semiótica desenvolvida por A. J. Greimas. Pelo caráter de teoria do texto adotado pela semiótica greimasiana, sabemos que esta tem por objeto de estudo o texto em si e não apenas as frases, de modo que, diferentemente de sua precursora, a semântica, essa vertente da semiótica possui, como intuito principal, a proposta de “descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2005, p. 11).

Barros (2005) comenta que a fim de analisar o sentido do texto, a semiótica compreende o plano do conteúdo a partir do recurso de percurso gerativo, já que este tipo de análise trabalha com os três níveis base do texto, ou seja, desde o sentido mais simples e abstrato até o mais complexo e concreto. Assim sendo, este tipo de análise

inicia no nível das estruturas fundamentais, momento no qual será determinado a oposição ou as oposições semânticas que servem de base para o sentido do texto; em seguida, analisa o nível das estruturas narrativas, isto é, são apontados “os elementos das oposições semânticas fundamentais assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeito graças à ação também de sujeitos” (BARROS, 2005, p. 15). Neste segundo momento, “não se trata mais de afirmar ou de negar conteúdos, de asseverar a liberdade e de recusar a dominação, mas de transformar, pela ação do sujeito, estados de liberdade ou de opressão” (BARROS, 2005, p. 15), de modo que no nível das estruturas narrativas verificam-se os papéis actanciais do sujeito, como ele age, transforma, manipula o/ou resultado sobre um outro sujeito ou sobre ele mesmo.

Por fim, na terceira etapa, analisamos o nível das estruturas discursivas, em que estas são “examinadas do ponto de vista das relações que se instauram entre a instância da enunciação, responsável pela produção e pela comunicação do discurso, e o texto-enunciado” (Ibid.), logo, nesta etapa, são criados “contratos” no discurso, que indicam a veracidade e os efeitos de sentido.

Em relação à sintaxe da narrativa, Barros (2005, p. 17) aponta que esta deve ser considerada como “um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo”, o que em outras palavras significa que, para que sejamos capazes de compreender um texto em sua totalidade, é necessário descrever este espetáculo tal qual o é, apontar quais são os seus participantes e qual é o papel que estes representam na história a qual pertencem.

1.2 CONCEPÇÃO DE HQS E SEUS ELEMENTOS

As histórias em quadrinhos (HQs) constituem um tipo de “arte sequencial”, termo citado por Will Eisner em sua obra *Quadrinhos e arte sequencial* (1985). As histórias em quadrinhos são basicamente constituídas de dois elementos, ou códigos de signos gráficos: “a imagem, obtida pelo desenho” e “a linguagem escrita” (CAGNIN, 1975, p. 24). Antonio Cagnin (1975, p. 24) igualmente afirma que, mesmo que a HQ seja identificada pela imagem, o elemento linguístico, o texto, funde-se com o visual e, então, a narrativa quadrinizada é construída. Entretanto, Mario Saraceni (2003, p. 5) comenta que textos e imagens juntos não são uma característica exclusiva dos quadrinhos, mas que o arranjo feito em uma sequência de painéis, é fundamental para a identificação das histórias em quadrinhos.

De acordo com Vergueiro (2015, p. 12), há muitos elementos constitutivos das narrativas em quadrinhos, ou a chamada “linguagem gráfica sequencial”, pois ainda

que a definição de quadrinhos possa parecer um tanto simples, a combinação de elementos visuais e verbais permite a criação complexa de uma história; isso ocorre devido aos “contextos de leitura de imagens, estilo de desenho, tempo, percepção visual, meios expressivos, linguagem, etc.” (VERGUEIRO, 2015, p. 16). Desta forma, a leitura dos quadrinhos não é uma atividade facilmente exercida, uma vez que necessita da habilidade interpretativa de signos visuais e verbais, acerca do que Will Eisner (1985, p. 8) comenta: “a leitura da revista em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual”.

O estudo dos quadrinhos aborda três aspectos fundamentais para o entendimento da narrativa das histórias em quadrinhos (HQs): a linguagem, a narrativa (envolvendo os elementos visuais e verbais) e a estética/estilos artísticos (SANTOS, 2015, p. 26). A linguagem criada por meio das histórias em quadrinhos é única, ainda que seja empregada em outros meios de comunicação. Um dos exemplos que deve ser apontado é o dos balões de fala, item muito característico e criado neste gênero.

Além disso, alguns dos elementos fundamentais das ilustrações nas histórias em quadrinhos são: as linhas e os traços. De acordo com McCloud (1995) ambas podem ser utilizadas para representar sentimentos, sons e até mesmo temperatura; de uma maneira visível, como exemplificados, respectivamente, na *Imagens 1, 2 e 3*. Além disso, “uma figura pode evocar uma resposta emocional ou sensual no espectador” (MCCLLOUD, 1995, p. 121), de modo que apesar de em situações diferentes elas representem fenômenos distintos, tais elementos fundamentais já não seriam apenas imagens, mas, sim, uma metáfora visual, um símbolo, capaz de formar a base da linguagem para que o leitor compreenda a narrativa:

IMAGEM 1 — Sentimento: ódio



FONTE: MCCLLOUD (1995, p. 118-120)

IMAGEM 2 — Som alto



FONTE: MCCLOUD (1995, p. 118-120)

IMAGEM 3 — Temperatura



FONTE: MCCLOUD (1995, p. 118-120)

Como um enunciado, a imagem também tem a função de comunicação, é uma unidade do discurso. Nos quadrinhos podem aparecer duas classes de figuras: analógicas e convencionais. As figuras analógicas representam, mimeticamente, pessoas, animais, seres e coisas, implicando (ou sendo implicados por) uma determinada ação na narrativa. Logo, as figuras convencionais são subdivididas em: de ações (indicando movimento, luz, sons de objetos, sentimentos), de sons (signos linguísticos representando a fala dos personagens, onomatopeias, ruídos), e indicadores de leitura (balões, legendas, apêndices e o próprio quadrinho) (CAGNIN, 1975, p. 83).

2 RESULTADOS DA ANÁLISE SEMIÓTICA DAS CARACTERÍSTICAS DE ALGUMAS PERSONAGENS PRINCIPAIS E PERIFÉRICAS/ SECUNDÁRIAS D'O CORTIÇO, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Pretendendo realizar uma análise semiótica das personagens da obra naturalista *O cortiço*, nosso estudo foi embasado na quadrinização desse clássico, levando em consideração as particularidades do gênero histórias em quadrinhos (HQs). *O cortiço* foi adaptado como uma HQs em 2009, pelas mãos do roteirista Ivan Jaf e do ilustrador Rodrigo Rosa. A obra pertence a *Série Clássicos Brasileiros em HQs*, da editora Ática.

Segundo a seleção do *corpora*, o qual não se ateve a descrever todas as personagens do romance, foram selecionadas algumas das personagens presentes na narrativa original d'*O cortiço* que consideramos relevantes para a análise semiótica, de modo que tais personagens foram divididas em duas categorias – a das personagens principais, João Romão, Bertoleza, Miranda, Rita Baiana e Pombinha; e a das personagens periféricas/secundárias, Dona Estela, Jerônimo e Firmo.

Assim sendo, foi realizada uma comparação entre a obra original d'*O cortiço* e sua quadrinização por meio do recurso de análise da sintaxe narrativa, ou seja, com base nesse recurso será descrito as semelhanças entre as duas obras, já que a sintaxe da narrativa prevê a necessidade de descrever o espetáculo tal qual o é, apontando quais são os seus participantes e qual é o papel que estes desempenham.

2.1 PANORAMA DA ESTRUTURA: DO ROMANCE À QUADRINIZAÇÃO

Após realizarmos uma comparação entre a narrativa clássica d'*O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e sua adaptação quadrinística, de Ivan Jaf (2009) por meio do recurso de análise da sintaxe narrativa, em relação as diferenças na representação das personagens principais e periféricas/secundárias, foi possível constatar quais eram os participantes e como foram representados os papéis destes, tendo sido comparados: as transições de capítulos, a paginação, as marcações de temporalidade, as ações e as representações gráficas das personagens e as descrições destas no romance.

Assim sendo, ficou evidente que, apesar de algumas das cenas terem buscado representar os fatos de maneira mais próxima das descrições feitas pelo narrador na narrativa clássica, em diversos casos, as ações foram representadas apenas por meio

das imagens, isto é, a imagem foi utilizada como uma ilustração para o verbal, de modo a formar a base da linguagem para que o leitor fosse capaz de compreender a narrativa sem a necessidade do recurso textual. Tal metáfora visual pode ser notada na cena em que está ocorrendo uma festa de comemoração no cortiço, pelo retorno da personagem Rita Baiana:

IMAGEM 4 – Festa no cortiço



FONTE: Azevedo (2009, p. 36)

Neste ponto, é importante lembrarmos que esta cena é descrita, na narrativa clássica, pelo narrador, de maneira muito mais detalhada e, apesar de não conter exatamente todos os elementos descritos, mantém um retrato bastante fiel da euforia dos moradores do cortiço durante a festa. Isto ocorre justamente pelo fato de que o roteirista deve escolher qual aspecto da narrativa original ele dará maior ênfase no momento de criar o roteiro da quadrinização, já que para tal ele deve respeitar a linguagem dos quadrinhos.

Por meio do uso das linhas cinéticas⁶ e da ausência de linhas entre um quadro e outro, Ivan Jaf e Rodrigo Rosa (2009) conseguiram representar a velocidade na cena de luta entre o Jerônimo e Firmo, que na obra original ocorre entre as páginas 148 e 149, de modo que conseguiram representar a cena de maneira mais próxima das descrições feitas pelo narrador na narrativa clássica, como pode-se observar na *Imagem 5*:

⁶ Traços, normalmente paralelos, que indicam o movimento do personagem ou dos personagens, ou seja, simulam uma ação que faz com que o leitor tenha a impressão de movimentação (SANTOS, 2015, p. 32).



FONTE: Azevedo (2009, p. 38)

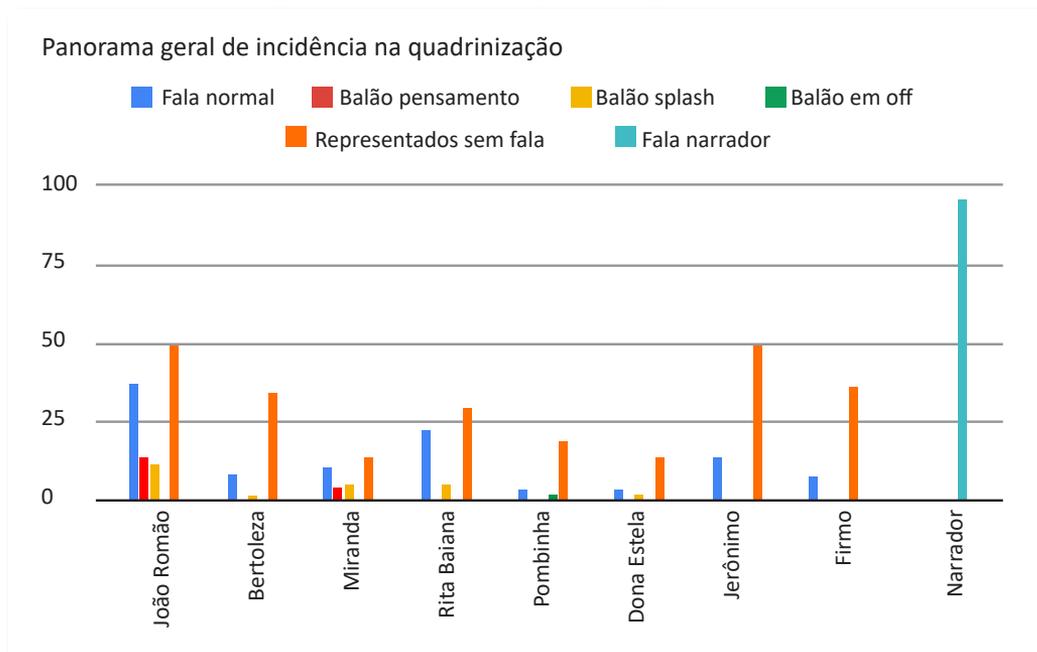
3 TIPOS DE BALÕES PRESENTES NA QUADRINIZAÇÃO D'O CORTIÇO, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Will Eisner (1985, p.28) define que a passagem de tempo pode ser delineada por meio dos balões, e para isso existe uma preocupação por parte do quadrinista no modo de posicionar os quadros, pois estes determinam a duração das falas contribuindo para a narração e sequencialização da leitura. Este mesmo autor aponta algumas classificações básicas de categorização dos balões: fala normal, fala não pronunciada, pensamento e som emitido por uma máquina (rádio, televisor), como exemplificados, respectivamente, na *Imagem 15*. Além disso, Santos (2015, p. 29), com base em Cagnin (1975), Eisner (1985), Gasga e Gubern (2001), aponta as seguintes classificações de balões: cochicho, *splash*, glacial, tremido, em *off*, uníssonos e fala intercalado.

Entretanto, na quadrinização d'O cortiço, de Aluísio Azevedo, notamos que não foram utilizadas todas as categorizações mencionadas anteriormente, somente

os balões de fala normal, de pensamento, *splash*, em *off*. A fim de elaborar um panorama acerca da incidência da representação sem fala das personagens principais (Bertoleza, Rita Baiana, João Romão, Pombinha e Miranda) e das periféricas/secundárias (Dona Estela, Jerônimo e Firmo), e da atribuição de cada categoria de balão utilizada na adaptação quadrinística d’*O cortiço*, de Ivan Jaf, foi elaborado o GRÁF. 1, no qual será apontado um panorama geral da incidência do emprego dos balões de fala normal, de pensamento, *splash*, e, da representação sem fala das personagens, anteriormente selecionadas:

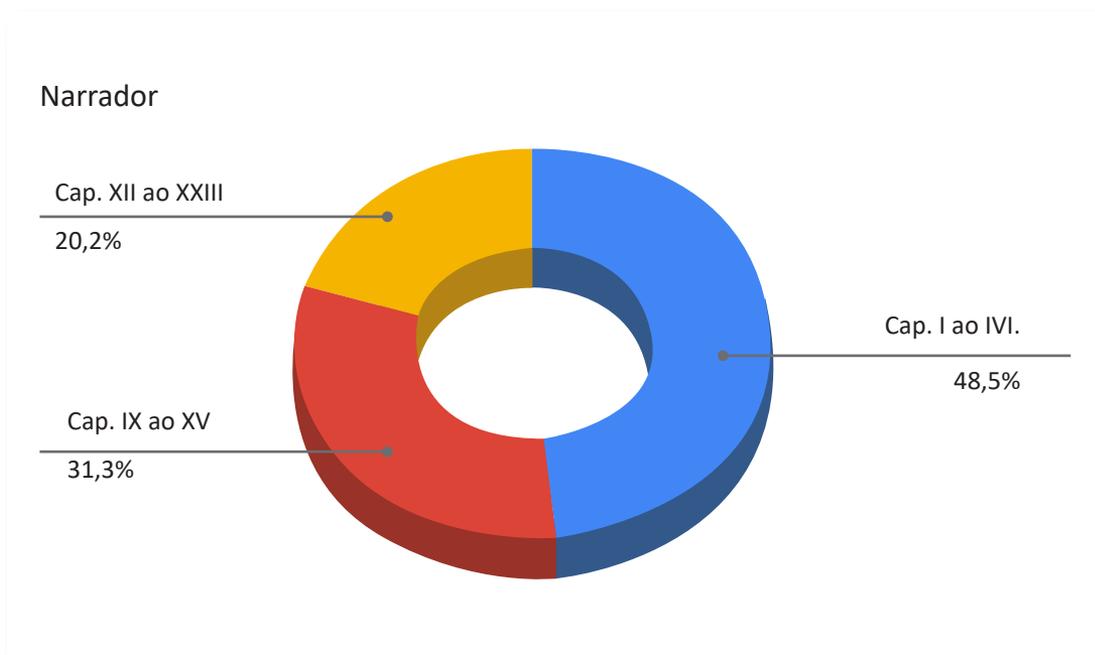
GRÁFICO 1 – Panorama geral de incidência na quadrinização



FONTE: As autoras (2019), com base na quadrinização d’*O cortiço*, de Aluísio Azevedo (2009)

Ao analisarmos o *Gráfico 1*, ficou evidente que o narrador possui um papel essencial nesta quadrinização, e sua acentralidade é expressivamente maior que personagens principais da narrativa, como Bertoleza e João Romão. Os balões recordatórios do narrador, em grande parte, expressam a passagem do tempo, sintetizando momentos da obra: “eles contêm informações necessárias para que o leitor compreenda a história e possa prosseguir com a leitura” (SANTOS, 2015, p. 30). É possível observar que os recordatórios “determinam o fluxo da narrativa” (Ibid. p. 35). Entretanto, se levarmos em consideração os dados levantados no GRÁF. 2, ficará evidente que tanto o narrador quanto as personagens vão sendo silenciadas à medida que a narrativa quadrinística vai encaminhando-se para o final.

GRÁFICO 2 – Incidência das falas do narrador



FONTE: As autoras (2019), com base na quadrinização d'*O cortiço*, de Aluísio Azevedo (2009)

O silenciamento final do Cortiço e das personagens é perceptível nos quadros em que essas aparecem representados sem fala, quase ultrapassando as falas do narrador. Cagnin (1975, p. 133) afirma que “apenas o grafismo das sequências é o suficiente para estruturar um pequeno acontecimento”, todavia, alguns dos diálogos que foram suprimidos pelos autores da quadrinização são necessários para a continuidade linear da narrativa. Ainda que a quadrinização tenha sido bem estruturada, a falta de alguns diálogos e, em vários momentos, das personagens apenas terem sido representadas sem fala, como pode ser constatado no gráfico com o panorama geral dos capítulos, interferir diretamente na compreensão, pois imagem e texto se completam, de modo que um elemento não dispensa o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o levantamento dos dados teóricos, evidenciamos que a junção dos elementos verbais e visuais configuram como as características mais marcantes na composição das HQs e da abordagem semiótica da narrativa quadrinizada, de modo que tais características acabam propiciando uma leitura mais fluida da obra original,

no sentido de que nas adaptações quadrinísticas o espaço entre uma vinheta e outra instigam o leitor a imaginar momentos da história que não estão necessariamente desenhados, isto é, que estão apenas implícitos, escondidos nas entrelinhas entre duas vinhetas, assim sendo, também é possível observarmos que as vinhetas das HQs fragmentam as o tempo e o espaço, de modo a conferir ao enredo um ritmo recortado de momentos dissociados, que permitem ao leitor conectar os diversos momentos e estabelecer mentalmente uma realidade contínua e uniforme. Logo, por meio dessa característica típica dos quadrinhos, torna-se possível despertar o gosto pela leitura em iniciantes e instigar os assíduos a ampliarem seus conhecimentos.

É importante que o receptor de uma adaptação quadrinística tenha em mente que a leitura deste tipo de adaptação não substitui a leitura integral da obra clássica em prosa, uma vez que as adaptações, segundo Hutcheon (2006), são como traduções e, conseqüentemente, suprimem certos aspectos importantes. Isto é, toda adaptação de uma obra clássica para o gênero das HQs, apesar de manter determinadas semelhanças com a obra original, permite que o roteirista faça recortes, omissões e modificações, de acordo com o enfoque escolhido por este, já que no momento de criar o roteiro da quadrinização, já que para tal ele deve respeitar a linguagem dos quadrinhos. Assim sendo, é possível encontrar muitas diferenças entre a obra clássica e sua quadrinização, ou seja, apesar de o ponto de partida ser a obra literária e a HQs estar próxima ao texto matriz, ela consegue ser uma obra independente, pois, o resultado final será sempre uma obra nova.

Entretanto, Gonçalves e Remenche (2015, p. 16) demonstram que essas adaptações tornam-se alternativas de leitura para a aproximação dos leitores com as obras originais clássicas, pois as adaptações em quadrinhos podem ser utilizadas em sala de aula como uma estratégia de ensino de literatura para adolescentes. Por meio das HQs, é viável combinar elementos visuais e verbais, que proporcionam uma compreensão acessível e criativa ao enredo, uma conexão maior entre os jovens leitores e a obra original, além de enriquecer o vocabulário destes jovens, de forma a ampliar o repertório e conseqüentemente os meios de comunicação; devido ao fato de que deste gênero carregar um alto nível de informação em sua composição de texto-imagem, os estudantes também acabariam sendo incentivados a desenvolverem o hábito da leitura.

Por fim, Regina Aranda da Cruz Galo (2010, p. 37) aponta que as adaptações quadrinísticas podem ser uma estratégia eficiente de ensino para aplicação no ambiente escolar, pelo fato de auxiliarem no processo de aproximação do jovem com

a leitura, do mesmo modo Gonçalves e Remenche (2015) indicam que os quadrinhos podem ser utilizados de forma positiva durante o processo didático. Isto posto, em uma futura pesquisa, sugerimos o aprofundamento a respeito de como a utilização das adaptações dos clássicos, no formato de histórias em quadrinhos, podem influenciar na formação de um leitor competente linguística e extralinguisticamente.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: PanaPaná, 2018.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Roteiro de Ivan Jaf; Ilustrações de Rodrigo Rosa. São Paulo: Ática, 2009. (Clássicos Brasileiros em HQ).
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005. (Fundamentos, 72).
- BARROSO, Fabiano Azevedo. Quadrinizar a literatura ou literaturizar o quadrinho?. In: BORGES, Renata Farhat (Org.). **Clássicos em HQ**. São Paulo: Peirópolis, 2013. p. 41-54.
- CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975. (Ensaio, 10).
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1985.
- FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p.165-176, ago. 1995. Disponível em: <<https://goo.gl/tWBT5y>>. Acesso em: 04 nov. 2018.
- GALO, Regina Aranda da Cruz. Dos livros para os quadrinhos: as quadrinizações de obras literárias na sala de aula. **Unopar: Científica Ciências Humanas e Educação**, Londrina, v. 9, n. 23, p. 33-41, out. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/Ca1wto>>. Acesso em: 04 nov. 2018.
- GASCA, Luis; GUBERN, Roman. **El discurso del comic**. Madrid: Catedra, 2001.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONÇALVES, Adalgisa A. de Oliveira; REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. A divina comédia em HQ: uma abordagem semiótica. **Raído**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 20, p. 15-29, set. 2015.
- HUTCHEON, Linda. **Theory of Adaptation**. New York: Routledge, 2006.
- MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- MEIRELES, Selma Martins. Quadrinhos e linguística: onomatopeias e interjeições: e suas funções na narrativa em quadrinhos. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (Orgs.). **A linguagem dos quadrinhos: estudos de estética, linguística e semiótica**. São Paulo: Criativo, 2015. p. 49-77.
- RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.
- RAMOS, Jefferson Evandro Machado. **Abolição da escravidão no Brasil** resumo. **HistóriadoBrasil.net**, set 2007. Disponível em <<https://goo.gl/d3my8N>>. Acesso em: 04 nov. 2018.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. **Para reler os quadrinhos Disney: linguagem evolução e análise de HQs**. São Paulo: Paulinas, 2002.
- SARACENI, Mario. **The language of comics**. London: Routledge, 2003.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TEIXEIRA, Claudia de Souza. Adaptações em quadrinho de obras literárias. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 9, n. 13, p. 25-38, nov. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/Pbw4U7>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (Orgs.). **A linguagem dos quadrinhos: estudos de estética, linguística e semiótica**. São Paulo: Criativo, 2015.